



INTELECTUAIS OPRIMIDAS(OS): ANTIRRACISMO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ENTRE O ARTIVISMO E A ACADEMIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Fernanda Nascimento Crespo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O Teatro do Oprimido (T.O.), fundado por Augusto Boal na década de 1970, tem sido mobilizado por homens e mulheres negras brasileiras engajadas no enfrentamento às desigualdades raciais historicamente impressas e reatualizadas por meio de dispositivos diversos no âmbito do projeto político da modernidade ocidental. Neste artigo, através da análise de entrevistas de História Oral e de produções acadêmicas, investigamos de que modo integrantes de grupos negros de Teatro do Oprimido, e das Oprimidas, do Rio de Janeiro, têm abordado a questão racial de forma privilegiada também no âmbito da universidade. Compreendemos que a articulação entre saberes forjados por meio de suas experiências com o T.O. e com a academia tem sido estratégica para a luta antirracista no contexto brasileiro, tensionando transformações em ambas as esferas.

Palavras-chave: Antirracismo; Teatro do Oprimido, Universidade.

OPRESSED INTELLECTUALS: ANTI-RACISM AND KNOWLEDGE PRODUCTION BETWEEN ARTIVISM AND ACADEMIA IN THE BRAZILIAN CONTEXT

Fernanda Nascimento Crespo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Abstract

The Theater of the Oppressed (T.O.), founded by Augusto Boal in the 1970s, has been mobilized by black Brazilian men and women engaged in confronting racial inequalities historically imprinted and updated through various devices within the scope of the political project of western modernity. In this article, through the analysis of Oral History interviews and academic productions, we investigate how members of black groups from Theater of the Oppressed, in Rio de Janeiro, have approached the racial issue in a privileged way also within the scope of university. We understand that the articulation between knowledge forged through their experiences with T.O. and with the academy have been strategic for the anti-racist struggle in the Brazilian context, tensioning transformations in both spheres.

Key-words: *Anti-racism; Theater of the Oppressed; University.*

Introdução

Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical, quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas, nos põe numa solidariedade e comunidade maiores. Enaltece fundamentalmente a vida (hooks, 1995, p.478).

A definição de intelectualidade por Bel Hooks (1995) implica diretamente o ofício das ideias às políticas do cotidiano. A construção de si própria enquanto uma intelectual negra é relatada como um processo indissociável de experiências concretas desigualdades de gênero, raça e classe, na mesma medida em que compreende o desenvolvimento de pensamento crítico como “força curativa”, como instrumento potencialmente emancipador. Essa concepção diametralmente oposta àquela que atribui ao trabalho com as ideias caráter ensimesmado, descolado da realidade e das urgências coletivas, aciona como inspiração lideranças africanas e afro-diaspóricas que em contextos de lutas por libertação defendiam também o uso da “arma da teoria” (Cabral, 1976), para os quais a liberação objetiva das imposições do colonialismo em relação às necessidades e aspirações materiais, não seria possível sem igualmente liberarem-se das outorgas subjetivas do projeto colonial que nega a humanidade das populações africanas e afrodescendentes relegadas com suas culturas à *zona do não ser* (Fanon, 2008).

Tal como salienta bell hooks (1995), para povos africanos e afro-diaspóricos, historicamente, a luta contra o racismo (e o colonialismo) envolve, de forma prioritária, a construção de mecanismos de valorização de suas culturas, suas epistemologias, suas estéticas em oposição à condição de não-existência, a que foram submetidos. E essa não é uma pauta que repousa no passado. A intelectualidade que analisamos, produzida no Brasil por

*artistas negras(os)*¹⁵ atuantes nessas primeiras décadas do século XXI a partir de suas implicações com grupos negros de Teatro do Oprimido (T.O.) e com a universidade, especialmente em nível de pós-graduação, tem como prerrogativa a disputa nesse campo.

Artivismo designa o fazer artístico como indissociável do político e, em diversas ocasiões no âmbito desta pesquisa, entrevistadas(os) assim se referiram às suas experiências com grupos e coletivos de Teatro do Oprimido. Presente no campo das Ciências Sociais e das Artes, sobretudo nas duas últimas décadas, segundo Paulo Raposo (2015, p.8) “pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas”, explorando potencialidades estéticas e simbólicas em função de lutas, resistências e subversões. Segundo autor, provavelmente o termo passou a figurar na academia em 2008, quando no artigo “Chicana/o Artivism: Judy Baca’s Digital Work with Youth of Color,” as autoras Chela Sandoval e Gisela Latorre o apresentaram a partir da enunciada necessidade de uma relação simbiótica entre produção artística e posicionamento político. Diante disso, neste estudo, às agências desenvolvidas a partir de grupos de Teatro do Oprimido compostos exclusivamente por pessoas negras e dedicados prioritariamente a discutir a questão racial no Brasil, nos referimos como *artivismo negro*.

Neste artigo, que é resultado parcial de pesquisa de doutorado em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ), analisamos principalmente fontes produzidas pela metodologia da História Oral e obras acadêmicas escritas pelas(os) entrevistadas(os), que em comum tem a atuação *artista negra* ligada ao Centro de

15 *Artivismo* designa o fazer artístico como indissociável da luta política e, em diversas ocasiões, entrevistadas(os) assim se referiram, às suas experiências com grupos e coletivos de T.O. Às produções de grupos teatrais compostos exclusivamente por pessoas negras e dedicados prioritariamente a discutir a questão racial, nos referimos como *artivismo negro*.

Teatro do Oprimido, no Rio de Janeiro e apresentam também articulação mais direta com a educação formal, seja em posicionamento docente ou discente, em escolas ou universidades. O vivido, tal como narrado, foi analisado enquanto manifestação de possibilidades de exploração das margens de liberdade de ação mediante constrangimentos sociais que acometem a população afro-brasileira. Sendo assim, e como sustenta Verena Alberti (2004), a história oral será aqui acionada como um instrumento profícuo para o estudo “das diferentes formas de articulação de atores e grupos, trazendo à luz a importância das ações dos indivíduos e de suas estratégias” e também da “forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (Alberti, 2004, p.24 e 25).

Reflexões e articulações desenvolvidas em espaços negros de Teatro do Oprimido informaram a ocupação do espaço acadêmico, como estratégia para a luta antirracista. E um caso que se destacou em nossa pesquisa é a inserção de três, das nossas sete entrevistadas, no Mestrado em Relações Étnico-Raciais do PPRER-CEFET/RJ: Carolina Netto, em 2016, Rachel Nascimento em 2017 e Claudia Simone Oliveira, em 2019.¹⁶ Alessandro Conceição, do grupo Cor do Brasil, é mencionado pelas artistas negras, como um articulador e incentivador de seus ingressos no programa, cursado anteriormente por ele próprio, entre 2015 e 2017. Nesse sentido, consideramos que suas memórias e perspectivas a respeito do tema contribuem para a melhor compreensão dessa dimensão do ativismo negro.

As(os) entrevistadas(os) que protagonizam essa pesquisa, ao movimentarem-se para o antirracismo, o fazem em fronteira enquanto território de produção de presença, de enunciação

das diferenças, enriquecido pela interlocução, negociação, interrogação e desestabilização de pretensas interdições (Bhabha, 2003). Potencialidades da interação de experiências com o T.O. Negro e aquelas travadas em espaços de produção de conhecimento legitimados pelo projeto de modernidade eurocêntrica, têm sido exploradas por homens e mulheres negras na dramaturgia, na academia e em demais espaços por onde transitam, a fim de tensionar ranhuras neste discurso/projeto político que, imposto como natural e universal, os subalterniza.

Artivismo Negro

O Teatro do Oprimido (T.O.) é constituído por um conjunto de exercícios, jogos e técnicas com o intuito de mobilizar o deslocamento de pessoas e grupos oprimidos da condição de consumidores à de produtores de cultura e conhecimento. Augusto Boal defende que todo ser humano é necessariamente performático em suas relações sociais e, por isso, um dos pressupostos do Teatro do Oprimido é que qualquer pessoa possa fazer teatro (Boal, 1998). Além disso, destaca duas searas de produção de conhecimento que devem ser disputadas em função da elaboração de uma contracultura: a do pensamento simbólico, que se traduz em discurso verbal e a do sensível que diz respeito a sons e imagens (Boal, 2009).

Estudos (Britto, 2015; Santos, 2016; Mattos, 2016; Conceição, 2017; Netto, 2018; Nascimento, 2019) apontam que a elaboração do Teatro do Oprimido teria sido profundamente impactada pela experiência de Boal com o Teatro Experimental do Negro e por sua relação com Abdias do Nascimento e frisam o legado dessa relação tanto para a reeducação de Boal para as relações raciais, quanto para a elaboração das bases de seu projeto eminentemente político de trabalho cênico com não-atores. Todavia, até a primeira década dos anos 2000, iniciativas relacionadas ao tema, vinculadas ao Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro (CTO-Rio), foram pontuais, de curta duração ou trataram da opressão racial como um desdobramento de opressões de classe.

¹⁶ O Mestrado em Relações Étnico-Raciais do PPRER-CEFET/RJ foi inaugurado no ano de 2011 e gestado a partir de proposições do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do CEFET/RJ e sua experiência com o curso de Pós-Graduação Lato Sensu “Relações Étnico-raciais e Educação: Uma Proposta de (Re)Construção do Imaginário Social” desde 2008, ano de sua fundação. Ver: Senra, A.O. ; Souza, M.L. ; Borges, R. . O primeiro projeto de pesquisa do PPRER. *Tecnologia & Cultura* (CEFET/RJ), v. 14, p. 19-29, 2012.

O caso mais expressivo teria se desenvolvido junto ao Coletivo Estadual dos Negros Universitários (Cenun), que instrumentalizou o T.O. para pensar, especialmente, a situação de estudantes negras(os) na universidade entre os anos de 1993 e 1994 (Silva, 2017).

A partir da segunda década do século XXI, uma guinada nos usos do Teatro do Oprimido para o antirracismo tem marcado grupos e coletivos relacionados ao CTO-Rio. A partir de investigações estéticas feministas emergiram inquietudes outras que culminaram na formação de espaços, nos quais a questão racial também pudesse ser tratada de forma prioritária, originando o Laboratório Anastácia, como nos relata sua idealizadora Claudia Simone Oliveira:

A gente começou a fazer um laboratório Madalena que era para reunir as mulheres, para discutir a questão das mulheres naquela época, em 2010... “O que era ser mulher em 2010?” E nesse laboratório eu voltei a ter contato com as minhas raízes. A gente tem um exercício que se chama árvore das ancestrais e que você volta no tempo. Você faz primeiro você, depois você faz a sua mãe, os movimentos do cotidiano, você faz sua avó, sua bisavó. Em resumo, nesse exercício eu consegui reconectar com a minha negritude, quando eu percebi em volta as mulheres brancas que voltavam no tempo e elas ficavam cada vez mais tranquilas, mais serenas, sendo servidas e eu cada vez mais e as outras mulheres negras que voltavam no tempo ficavam muito mais aceleradas, tinham mais trabalho e serviam, serviam o tempo todo ... foi lá que eu comecei a trabalhar esse racismo que eu tinha, todos os outros silenciamentos e a ideia foi pesquisar, porque eu falei bom: se teve a Madalena, o que estava por trás dessa história toda? (...) Então, esse laboratório “Anastácia”... (Oliveira, 2019, s.p.).

Nome de destaque nas ações feministas e antirracistas relacionadas ao T.O. nas últimas décadas, ela afirma que a primeira edição, ainda em 2010, apesar de ter sido chamada de “Laboratório”, foi um grupo de estudos dedicado à pesquisa e leituras sobre a questão racial.

Queríamos ler textos, resgatar essa história que para a gente não era contada, que a gente fala: “ - Meu deus! Onde estão?” Incrível que a gente tem ficar procurando onde estão nossos heróis. “Cadê os elos da nossa história? [grifo nosso] Onde é que estão? A gente não sabe quase nada!” Então a gente começou a juntar textos que a gente via (...) Convidamos as pessoas para vir discutir (Idem, ibidem, s.p.).

Neste depoimento, Claudia Simone Oliveira salienta lacunas nos conhecimentos construídos sobre o passado que afetam intensamente o seu processo de construção identitária. O embate ao apagamento das agências históricas da população negra em nossa sociedade, em outros contextos afro-diaspóricos e mesmo em relação às histórias dos povos africanos antes dos impactos dos projetos de modernidade eurocêntricos é elencado como a etapa inaugural deste novo momento que se insinuava no CTO-Rio. Narrativas históricas usualmente difundidas em escolas e universidades, mas também através de outros espaços como museus e as mídias hegemônicas deveriam ser interpeladas em suas omissões, ações de silenciamento e embranquecimento de personagens e processos que contribuem para a construção de identidades negativas em relação a mulheres e homens negras(os) e a normatização de padrões eurocêntricos como exemplo de humanidade em sua plenitude.

Ainda em 2010, no 20 de novembro, estreou o espetáculo *Cor do Brasil*, escrito por Bárbara Santos e dirigido por Claudia Simone Oliveira, abordando questões como a atribuição de juízos negativos aos cabelos de pessoas negras; a suspeição como à priori do tratamento despendido pela polícia; as políticas de acesso às universidades públicas; e os sentidos da categoria “pardo” utilizada pelo censo populacional realizado no Brasil (Mattos, 2016). E, a partir de então, foi fundado o Grupo de Teatro do Oprimido Cor do Brasil que tem proporcionado a produção e sistematização

de *saberes afrocênicos*¹⁷, a partir de vivências negras nas artes e para além delas, e segue fundamentando práticas e rompendo com o silenciamento de opressões promovendo tensionamentos e ranhuras transformadoras para o método em si e para a interpretação de suas próprias relações com o mundo.

Nesse sentido, *ativistas negras* que o compunham passaram a sentir a necessidade de um espaço em que pudessem tratar especificamente das opressões que acometem as vidas de mulheres negras em nossa sociedade, dando origem ao Coletivo Madalena-Anastácia em 2015. Junto aos homens do Cor do Brasil, coube a elas desestabilizar perspectivas e posturas que em determinadas circunstâncias poderiam promover silenciamento e invisibilização de suas demandas (Conceição, 2017). Já na relação com a Rede Ma(g)dalena Internacional, coube enunciar diferenças e denunciar o racismo naturalizado nas tomadas de decisão dentro da própria rede feminista de T.O. que compunham (Nascimento, 2019).

Tanto Alessandro Conceição (2017) quanto Rachel Nascimento (2019) refletem em suas obras, sobre experiências de antirracismo via Teatro do(as) Oprimido(as) por um olhar de protagonismo e as apresentam como manifestações do Movimento Negro na atualidade. Ambos tratam de processos transformadores importantes para a compreensão do acionamento de um método, que surge meio século atrás, em função do antirracismo nos dias de hoje, e cujos saberes através deles produzidos passam a se espalhar nas diferentes esferas sociais em que transitam as(os) *ativistas negras(os)*. Uma delas é da universidade e, mais especificamente, do campo da pós-graduação *strictu-sensu*, que por meio dessas articulações *ativistas negras*, integrantes do Cor do Brasil e do Madalena-Anastácia foram, em rede, estimulados a ocupar.

17 Termo cunhado por Nilma Lino Gomes durante a qualificação desde projeto de pesquisa, em 25 de outubro de 2021, junto ao PPGE-UFRJ, para designar as produções do *ativismo negro* que analisamos.

Intelectuais Oprimidas(os)

Reflexões e articulações proporcionadas pelos espaços negros que forjaram por meio do Teatro do Oprimido, informaram a ocupação do espaço acadêmico por parte de *ativistas negras(os)*, como estratégia para a luta antirracista. Desde 2015, quando Alessandro Conceição, do grupo Cor do Brasil, iniciou o Mestrado em Relações Étnico-Raciais PPRER-CEFET/RJ, outras *ativistas negras* também ingressaram nesta pós-graduação nos anos subsequentes, tais como Carolina Netto, em 2016 e Rachel Nascimento em 2017 e Claudia Simone Oliveira, em 2019. Interpelado sobre sua experiência de construção enquanto um intelectual negro, Alessandro Conceição confere centralidade a tais.

O Cor do Brasil permitiu isso. No Cor do Brasil a gente começou a estudar mais sobre questões de negritude¹⁸, a buscar parcerias tanto políticas quanto artísticas nesse sentido ... Antes eu tinha feito um curso da Universidade do Texas que é “Diásporas Africanas nas Américas”... Já tinha feito outro curso de Filosofia Africana ... mas eu não queria ter essa questão acadêmica assim: “O Mestre”. Porque eu acho que vai distanciando a gente da vida prática. Evidentemente que como posicionamento político a gente sabe que é muito importante. (...) é importante que tenham mais colegas e colegas nossos, negros e negras, que ocupem também esse lugar, que normalizem esse lugar, que seja pra qualquer um, qualquer uma entrar (Conceição, 2020, s.p.).

18 Alessandro Conceição referencia, em sua dissertação, a obra *Negritude Usos e Sentidos*, de Kabengele Munanga (2012) e alude a *Negritude*, segundo ele “Movimento político-estético protagonizado pelos poetas antilhanos Aimée Césaire e Léon Damas e pelo senegalês Léopold Senghor... Os objetivos da Negritude são a valorização da cultura negra em países africanos ou com populações afrodescendentes expressivas que foram vítimas da opressão colonialista. A negritude impulsionou o movimento de libertação dos países africanos e, ao mesmo tempo, influenciou a busca de caminhos de libertação dos povos de origem africana em todas as Américas” (Conceição, 2017, p. 39).

Podemos perceber a preocupação de Alessandro Conceição com o não afastamento das urgências coletivas objetivas a partir de sua inserção no mundo acadêmico. Todavia, ele enfatiza o estímulo que o *ativismo negro* forneceu à busca por engajamento em processos de formação no campo da educação formal, visando à produção de conhecimentos sobre histórias e culturas de povos africanos e afrodiaspóricos, bem como à necessidade de se romper as obstruções de acesso e permanência da população negra nesses espaços. Tal aspecto também figura no depoimento Carolina Netto sobre sua inserção no PPRER:

... quando eu me envolvo com o Cor do Brasil, com o Madalena-Anastácia ... E o Alessandro passa aqui primeiro. Ele foi o primeiro do grupo a fazer o mestrado aqui. Aí ele estimula todo mundo. “Vai lá! Tenta sim! Vai fazer! Conversa com o professor Roberto, conversa com a professora Elisângela! Faz o projeto! Eu ajudo! Vamos ficar uma noite aqui no CTO fazendo projeto!” Ele é desses. E foi assim que eu vim para cá (Netto, 2019, s.p).

Ela atribui às vivências junto aos grupos negros de T.O., a consolidação de sua compreensão sobre o racismo, sua constituição enquanto agente do antirracismo e o mestrado é apresentado como um desdobramento desse processo.

O mestrado que eu fiz foi muito a partir do grupo, das pessoas do grupo que me incentivaram a todo um letramento racial mesmo e essa discussão do racismo. Foi aí que eu virei ativista. Eu já defendia a causa, mas assim de maneira muito tímida. Não debatia, não entendia alguns processos também. A partir desse meu encontro com o T.O. a gente começa a se apresentar e aí o diálogo com o público no teatro-fórum também ... a gente aprende muita coisa. E os nossos próprios encontros. Os nossos encontros. Quando a gente não está apresentando, a gente se encontra internamente, estuda, debate (Netto, 2019, s.p.).

Rachel Nascimento, defendeu em 2019, no PPRER a dissertação *Cor das Oprimidas: Coletivo Madalena Anastácia como Movimento Feminista Negro Educador*. Esse coletivo de mulheres

negras *ativistas* que pesquisam questões de raça e gênero de forma interseccional é tratado pela autora como educador para tais questões especialmente na relação com a RedeMa(g)dalena Internacional, comunidade que articula mulheres de diversas regiões do Brasil e do mundo para a prática do Teatro das Oprimidas. Segundo ela, a partir da perspectiva de Nilma Lino Gomes (2017), o Madalena-Anastácia educa a si mesmo, o *ativismo negro*, a rede feminista de *ativismo* e a sociedade de forma mais abrangente pela abordagem interseccional, ou seja, atentando às interações entre diferentes eixos de subordinação, tais como raça, classe e gênero (Crenshaw, 2002). Sobre suas implicações com o T.O. e com a academia, Rachel Nascimento afirma:

Agora tudo está entrelaçado: as questões étnico-raciais, o Teatro do Oprimido, está em tudo na minha vida. Desde a pesquisa acadêmica, quanto a formação dos grupos, quanto os espaços que eu circulo. Não tem como você dizer que sua pesquisa acadêmica fica lá. E principalmente o trabalho do Teatro do Oprimido, que é um trabalho que é a pesquisa acadêmica no corpo. É impossível. Minha postura mudou, meu jeito de me relacionar com as pessoas mudou (Nascimento, 2019, s.p.).

Os *saberes afrocênicos* construídos, como percebemos, não se esgotam no exercício da dramaturgia; se espraiam por todas as suas interações sociais, inclusive pela atividade acadêmica. No método aplicado para o desenvolvimento da dissertação, a *ativista* imprime grande importância às suas vivências com as Anastácias, a apresentando como “uma pesquisa Artivista,” (Nascimento, 2019, n.p). Caminhos metodológicos semelhantes já haviam também sido trilhados por Alessandro Conceição em *Cor dos oprimidos: o teatro do oprimido como resistência, ação e reflexão frente ao racismo*, que os apresenta como uma

Pesquisa Ativista Acadêmica, posto que este trabalho é resultado da construção de conhecimento coletivo de minhas atuações, inteiramente envolvido com o objeto pesquisado... devido ao fato deste estudo se situar em militância artística, ele se coloca em

ativismo acadêmico o que exige um posicionamento consciente, rigoroso, radical e de enfrentamento contínuo e ativo; em combate aos epistemicídios, aos protagonistas ilegítimos, a privilégios de interlocutores(as) e conteúdos em detrimento de outros(as) (Conceição, 2017, p.29).

Em *Por uma educação antirracista: o teatro do oprimido como ferramenta de percepção e transformação da realidade de meninas negras* (2018), Carolina Netto investiga o Teatro do Oprimido aplicado ao letramento étnico-racial e à transformação social de meninas negras em especial. Afirma ter realizado pesquisa-ação-ativista com meninas do 5.º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Duque de Caxias/RJ, com as quais desenvolveu laboratório de investigação cênica utilizando jogos e técnicas do T.O. para a criação de uma peça que gerasse discussões e reflexões na comunidade escolar sobre opressões raciais e de gênero.

Em 2021, Claudia Simone Oliveira defendeu a dissertação “Que maluquice é essa? Escrivivência preta cênica: corporalmente mulheres negras, saúde mental no Teatro das Oprimidas”, fruto de investigação sobre suas experiências na interface com o Teatro das Oprimidas, o ativismo negro e seu trabalho como no campo da Saúde Mental. a artista negra analisa a trajetória do GTO Pirei na Cenna; do Laboratório Da Opressão que me Habita à Expressão que me Ativa oferecido, principalmente entre 2018 e 2020, para mulheres negras que foram diagnosticadas como portadoras de sofrimento psíquico” (Idem, p.20)93. Traz à análise também o processo de criação do espetáculo *Me Editar nas águas que me atravessam* (2018) de sua autoria e atuação cênica, dirigida por Bárbara Santos, como expressão de uma gama de vivências artístico-políticas a partir de seu próprio adoecimento psíquico atribuído às tramas raciais em perspectiva interseccional. Assim, o desenvolvimento do conceito de Escrivivência Preta Cênica, de origem por ela identificada nesse espetáculo, é central em sua obra acadêmica. Como afirma:

quero usar a escrita para análise de como a dor se transmuta em arte, como possibilidade de escrita

dramatúrgica, da (re)significação das dores, de narrativas estéticas corpóreas as quais também implicam entender os impactos do racismo nas subjetividades das mulheres negras. Ao performar os sofrimentos negros em *ME Editar* a partir de uma inserção poética e política nas Artes Cênicas e no mundo, acredito que esse processo de criar personagens negras reais, ficcionais e tirar o corpo negro da uma representação única e associada a personagens subalternos faz parte da criação de uma Escrivivência Preta Cênica (Oliveira, 2021, p.38).

Nos chamam a atenção nestes relatos e registros acadêmicos, que o movimento realizado pelas(os) *artistas* negras(os) de levar para instituições acadêmicas questões suscitadas, saberes sistematizados e conhecimentos construídos por meio da instrumentalização do T.O. para o antirracismo, se sobrepõe ao do retorno academia-*ativismo*. Nesse sentido, Rachel Nascimento afirma:

O Teatro do Oprimido, ele te imprime uma outra lógica de se relacionar com o saber. A partir das vivências, a partir do corpo e a academia ainda está muito distante disso. Então eu tenho tentado juntar. Juntar essas coisas e juntar mesmo. Trazer a academia para o Teatro do Oprimido, que nunca esteve fora, porque muitas pessoas têm se tornado também acadêmicas por esse desejo de construir saberes que já estão organizados e sistematizados há muito tempo. Isso não é ruim, né? O que a gente tem discutido bastante é que não é ruim estar na academia, ruim é se acadêmizar no sentido de que a gente não conhece o mundo lá fora. Até porque a academia a gente sabe que não nasce europeia, nasce africana e com outras formas de conhecimento, então isso a gente precisa se apropriar e dialogar. Trazer o Teatro do Oprimido para a academia, trazer a academia para o Teatro do Oprimido e fazer essa brincadeira gostosa de aprendizado para além das letras no papel, aprendizado que está no corpo, que está no cotidiano, que está nas relações (Nascimento, 2019, s.p.).

Assim, no contrafluxo das hierarquias que modernidade ocidental se esforça em fixar em termos de produção e legitimação de produção de conhecimento, não apenas as leituras e abordagens

proporcionadas pelas interações acadêmicas teriam a acrescentar às agências do Cor do Brasil e ao Coletivo Madalena-Anastácia, mas sobretudo a academia teria muito potencial de desenvolvimento se disposta também a aprender com o *ativismo negro*.

Conclusão

A silenciosa normatização das parciaisidades eurocêntricas que tradicionalmente caracterizam a universidade, segundo Bell Hooks, impedem que educação seja “uma prática de liberdade” (hooks, 2013, p.45) e essa análise nos parece propícia para pensar experiências não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil. À contrapelo, o *ativismo negro* têm investido no estreitamento da relação entre saberes produzidos no seio de movimentos artístico-políticos e aqueles produzidos nas universidades. Impulsionando um diálogo de maior equidade entre estas diferentes instâncias de produção de conhecimento, ele têm se aproximado de uma *ecologia de saberes* sustentada por Boaventura Santos (2009) como um dos caminhos para a superação das assimetrias do projeto de modernidade eurocêntrica no campo da episteme.

E ao defender que “intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas ... é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla” (hooks, 1995, p.468) hooks nos orienta na compreensão do agências que Alessandro Conceição, Carolina Netto e Rachel Nascimento vêm realizando em um movimento exploratório consciente do “entre-lugar” (Bhabha, 2003) onde se situam. Da elaboração de uma rede de *ativismo negro* desponta uma intelectualidade negra forjada na interação de *saberes afrocênicos* e acadêmicos e, a partir dos quais, podem emergir estratégias para superação do racismo que insiste em contingenciar nossas relações sociais.

Referências bibliográficas

- Alberti, V. (2004). *Ouvir contar: textos em história oral*. Editora FGV.
- Bhabha, H. (2003) *O local da Cultura*. Editora UFMG.
- Boal, A. (1998). *Jogos para atores e não-atores*. 14.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Boal, A. (2009). *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Britto, G. (2015) *Teatro do Oprimido: Uma construção periférica-épica*. [Dissertação de mestrado] Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes – UFF. <http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2015/2015-geo-brito.pdf>
- Cabral, A. (1976) *A arma da teoria*. Seara Nova.
- Conceição, A. (2020, agosto 5). [Entrevista concedida à] Fernanda Crespo. Google Meet.
- Conceição, A. (2017) *Cor dos oprimidos: o teatro do oprimido como resistência, ação e reflexão frente ao racismo*. [Dissertação de Mestrado] Programa de Pós-Graduação em Relações-Étnico Raciais – CEFET/RJ. http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/80_Alessandro%20da%20Silva%20Concei%C3%A7%C3%A3o.pdf
- Crenshaw, K. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Revista Estudos Feministas*, n.º 1, 2002.
- hooks, B. (1995) Intelectuais Negras. *Revista de Estudos Feministas*, 3(2), 464-478. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- hooks, B. (2013) *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Martins Fontes.
- Fanon, F. (2008) *Pele negra, máscaras brancas*. Ed. UFBA.
- Gomes, N. L. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- Mattos, C. (2016) *A Estética do Oprimido de Augusto Boal no processo de criação de imagem do espetáculo de teatro-fórum “Cor do Brasil”*. [Dissertação de mestrado] Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, UNIRIO.
- Munanga, K. (2012). *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Nascimento, R. (2019, agosto 2). [Entrevista concedida à] Fernanda Crespo. Rio de Janeiro (CTO-RJ).
- Nascimento, R. (2019) *Cor das Oprimidas: Coletivo Madalena Anastácia como Movimento Feminista Negro Educador*. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Relações Étnico-Raciais, CEFET/RJ. http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/135_Rachel%20Nascimento%20da%20Rocha.pdf
- Netto, C. (2018) *Por uma educação antirracista: o teatro do oprimido como ferramenta de percepção e transformação da realidade de meninas negras*. [Dissertação de mestrado] Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, CEFET/RJ. http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/113_Carolina%20Ang%C3%A9lica%20Ferreira%20Netto.pdf
- Netto, C. (2019, setembro 12). [Entrevista concedida à] Fernanda Crespo. Rio de Janeiro CEFET – RJ.
- Oliveira, C. (2019, setembro 10). [Entrevista concedida à] Fernanda Crespo. CTO-RJ.

Santos, B. (2009). Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. Em B. Santos & M. Meneses (Orgs.) *Epistemologias do Sul* (31-83). Edições Almedina SA.

Santos, B. (2016). *Teatro do Oprimido - Raízes e Asas: Uma Teoria da Praxis*. Ibis Libris.

Silva, N. (2017) Teatro legislativo e racismo: arte, política e militância. *Repertório*, Salvador, ano 20, n. 29, p. 146-162. <https://doi.org/10.9771/r.v0i29.25464>

Fernanda Nascimento Crespo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda em Educação (UFRJ); mestra em Ensino de História pela (UERJ). Integra a Gerência de Relações Étnico-Raciais (SME-RJ) e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Antirracista (UFRJ). Email: nandacrespo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2193-6660>

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 24 de janeiro de 2022. Aprovado para publicação em 20 junho 2022.